



SUJEITO LIVRE, E DE SEXUALIDADE OPRESSORA

SUBJECT FREE, AND SEXUALITY OPPRESSIVE

NASCIMENTO, Lucas Paulo Golin Xavier do¹

RESUMO

Esse artigo trata-se de uma análise através do pensamento e filosofia de Baruch de Espinosa e Michel Foucault, sobre a concepção do sujeito livre pela necessidade da substância infinita (Deus) e da natureza dos desejos do homem perante as estratégias de poder que manipulam e oprimem a liberdade do homem quando se trata de sua sexualidade e prazeres. Diante de todo o aparato histórico, religioso, social e com o advento do biopoder no século XVIII, o homem se vê obrigado a mostrar uma postura viril perante a sociedade, anulando seus desejos e garantindo à classe dominante força e poder sobre o corpo e o uso dos prazeres em vista dos meios de produção e do capital.

Palavras-chave: Liberdade. Sexualidade. Virilidade.

ABSTRACT

This article is an analysis through thought and philosophy of Baruch Spinoza and Michel Foucault, on the conception of the subject free the need of the infinite substance (God) and the nature of man's desires before the power strategies that manipulate and oppress human freedom when it comes to their sexuality and pleasure. Before all the historical apparatus, religious, social and with the advent of biopower in the eighteenth century, the man is forced to show a manly stance towards society, voiding their desires and ensuring the ruling class strength and power over the body and use of Pleasure in view of the means of production and capital.

Keywords: Freedom. Sexuality. Virility.



Introdução

O presente trabalho tem como escopo analisar e compreender através de uma pesquisa bibliográfica a figura do homem (sujeito livre) perante as estratégias de poder que lhes são impostas durante a história, levando-o a reprimir seus desejos, abnegar o corpo e criar modos padronizados de expressar sua sexualidade.

Ao pensarmos na cultura infundida, a tradição social e os modos de ver o homem, nos deparamos com o choque de ideologias naquilo que denominamos “liberdade” e “civilização”. Perante a análise do pensamento de Baruch de Espinosa, observamos no desencadear da Ética todo um pensamento voltado à liberdade, ao sujeito livre que busca em si o aumento de forças perante seus desejos. Espinosa abrange em seu pensamento toda uma quebra de tradição que visava a servidão do homem diante uma vida moralmente e eticamente voltada à retração dos desejos. O pensamento espinosano parte da substância infinita (Deus) do qual a constituição do homem se dá pelos atributos da mesma substância que garante ao homem a necessidade de ser livre para permanecer na existência. Do mesmo modo, em sua liberdade, o homem age de acordo com a necessidade de sua existência, pelo desejo ou pela paixão. É a liberdade do homem que entra em foco diante de toda a manipulação do poder. Refreiam-se os desejos, diminui-se o *Conatus* (força interna do homem), é a força externa opressora que impõe ao homem seus modos e padrões de vida, anulando toda sua essência livre. O agir livre para Espinosa é a ação natural da realização dos desejos.

Diante de toda filosofia espinosana e a figura do homem livre pela sua própria necessidade, analisaremos através do pensamento de Michel Foucault os modos sociais que reprimem o indivíduo de expressar seus desejos e assim diante de uma política do medo e voltada, sobretudo

à postura corporal dos indivíduos, ressaltam modos de vigilância, punição e adestramento corporais colocados em sociedade para garantir os ideais do biopoder instalado à partir do século XVIII.

A figura do homem viril esteve presente desde a antiguidade, obrigando o homem a obter uma postura de identidade perante a sociedade e dos outros indivíduos. É na formação das personalidades viris que encontramos as mais variadas formas de alusão ao poder, ao sexo, e ao desejo. Segundo Foucault, a postura do homem viril é o que o define em sociedade, torna-se padrão e alvo da produção e da classe dominante. A virilidade é a chave para o biopoder e para toda a estratégia de se administrar os prazeres.

A ideia de uma sexualidade aberta, onde o indivíduo livre pode expressar seus desejos, a muito vem sendo discutida, reprimida e ignorada pelas restrições religiosas, civis e políticas, onde através de um discurso enganoso de proliferação, de saúde pública e salvação, exerceram e ainda exercem sobre os indivíduos a abnegação do próprio prazer, da própria vontade e da própria natureza. A existência do homem se baseia nos modos de produção e na crença metafísica de salvação da alma, conforme as bases Cristãs, seus discursos de submissão do homem à fé e negação da carne.

Diante da análise do biopoder, da identidade do homem viril e de todo, um modo de vigilância imposto na sociedade, entendamos os motivos de tanta intolerância, preconceito, discriminação e repressão diante do sexo e seus prazeres em suas variadas formas obscuras e camufladas no pensamento social, tornando o sujeito livre (mesmo em seus gritos de liberdade e igualdade) subjugado por uma sexualidade opressora.

O Sujeito Livre em Espinosa

Toda a filosofia de Espinosa tem como base o conceito de Deus, ou seja, a



“substância”, donde desemboca todo o cerne da Ética até chegar ao homem. Doravante, tal pressuposto de Deus anula e quebra com toda a tradição judaico-cristã existente até então.

No pensamento do filósofo, Deus ou a substância é tratado como existente pela primeira ‘Definição da Parte I da Ética’. Tal substância existe por si e é causa de si, não dependendo de nada nem ninguém para existir, sendo composta de infinitos atributos que expressam cada qual uma essência eterna e infinita. “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprimem uma essência eterna e infinita.” (SPINOZA, 2010, p. 13).

Os atributos da substância existem por ela mesma e expressam a eternidade da substância existindo por si só. Logo, nada na natureza pode existir sem a substância, ela é incondicionada e age segundo sua própria natureza, e tudo o que existe provem de sua potência absoluta, ou seja, “*Deus sive Natura*”- Deus, ou seja, a Natureza.

Sendo assim, Deus é concebido por Espinosa como uma substância que possui extensão, onde não há um Deus separado do mundo como assim expressa a tradição judaico-cristã, mas sim um Deus imanente que está ligado à matéria, que existe ao mesmo tempo em que o mundo existe pela necessidade causadora de seus atributos.

Tudo o que existe, portanto, possui causa determinada e necessária para existir tal como é: é da essência dos atributos causar necessariamente as essências e potências de todos os modos e encadear ordenadamente as leis causais e universais que regulam a existência e as operações desses modos; e todos os modos, porque exprimem a potência universal da substância, são também causas que produzem efeitos necessários. Isso significa que nada há de contingente no universo e que tudo é necessário. Há um ser necessário por sua própria

natureza ou por sua essência- Deus- e há seres necessários pela causa- os seres singulares, efeitos imanentes da potência necessária de Deus (CHAUI, 2011, p.71).

Se tudo desencadeia da substância infinita, o homem então é uma modificação dos atributos da substância infinita, ou seja, o homem é uma modificação do atributo extensão (pois possui um corpo que exprime a extensão da substância) e do atributo pensamento (pois possui alma, o que o torna um ser pensante). Sendo corpo e alma, Espinosa rompe, sobretudo com o dualismo cartesiano, mente e corpo para o filósofo são uma única substância, onde não há superioridade de uma ou outra, mas são expressões ao mesmo tempo da mesma e única substância. Está na essência da mente estar conectada ao seu objeto de pensamento.

Doravante, tudo o que se passa no corpo é afetado na alma, e assim tudo o que se passa na alma é afetado no corpo. Consequentemente, o desejo e a paixão fazem parte da essência do homem, sendo ele afetado de diversas maneiras (ou pelo corpo, ou pela alma) permitindo que sua potência de agir aumente ou diminua.

O homem então é movido pelo desejo, pois faz parte de sua essência como tal que o motiva a fazer algo. “[...] que o apetite é o desejo juntamente com a consciência que dele se tem, e que o apetite é a própria essência do homem, enquanto determinada a agir de maneira que contribuem para a sua conservação [...]” (SPINOZA, 2010, p. 239)

Percebe-se que o termo “essência do homem” é empregado, de modo que, se faz claro que o homem é desejo, e o necessita como forma de manter sua preservação enquanto homem e potência.

É pelo esforço que queremos, desejamos algo, e assim podemos julgá-lo bom. O que temos de essencial em nossa mente é o instinto de preservar e firmar a existência do nosso corpo, logo qualquer coisa ou ideia que venha ou possa destruir



nosso corpo não pode estar presente em nossa mente e não deve existir nela. As causas dos desejos podem ser adequadas (quando o efeito pode ser percebido claro e distintamente por ela mesma) ou inadequadas (quando o efeito não pode ser compreendido por ela mesma). A nossa mente ao receber ideias adequadas, age, necessariamente porque possui nela uma ideia adequada em Deus. Ao contrário disso é quando a mente humana possui uma ideia inadequada, ela necessariamente padece, pois não segue de sua natureza algo que não é causa, senão parcial. Inadequação recebe o nome de paixão, pois representa a passividade perante as forças externas (sua causa é a imaginação que nos matem na ignorância por usar de imagens confusas que não nos permitem chegar às causas verdadeiras das ações e das coisas). E adequação recebe o nome de ação, pois é a atividade que convive com as forças externas, sem se deixar dominar a elas (sua causa é o conhecimento racional e reflexivo que permitem conhecer as coisas e ações em suas essências, ordem e a gênese em um sentido verdadeiro).

Tal potência do homem, Espinosa denomina pelo conceito de “*Conatus*” (força interna do homem, que permite ele assim se assegurar sua essência na existência).

A força do *conatus* pode aumentar ou diminuir de acordo com as ações que realiza com outras forças exteriores. A força do *conatus* aumenta quando sua força é causa completa e total sobre as ações que realiza. Diminui o *conatus* quando pelas potências externas, suas ações são diminuídas, dominadas e impelidas (ex. a servidão, o medo, a escravidão).

Espinosa define a liberdade humana a partir da noção de causa adequada, portanto, quando somos causa interna plena e total do que se passa em nós, quando o que somos, fazemos, desejamos e pensamos são idênticos. A liberdade, por conseguinte, não é um ato da vontade como livre-arbítrio, mas a ação que

decorre necessariamente de nossa essência ou de nosso ser. Liberdade e necessidade não se opõe, mas se definem reciprocamente [...] (CHAUI, 2011, p. 100).

Logo, para que se garanta sempre o aumento do *Conatus*, o homem age pela necessidade livre da sua própria essência de sua existência, retraindo os afetos do medo e da servidão e agindo pela adequação dos desejos. A liberdade é a autodeterminação da substância infinita que assim se faz necessária na essência do homem pela sua própria natureza. Pelo aumento de sua força interna é que o desejo e a ideia de liberdade devem ser preservadas e garantidas ao homem, para assim desempenhar sua força para agir e retraindo todo aspecto inadequado que o leva a diminuir o *Conatus*.

O Poder Segundo a Análise de Michel Foucault

Se outrora no pensamento de Espinosa o medo e a servidão interferem no *Conatus* de cada indivíduo, reduzindo-o, Michel Foucault realiza uma análise sobre a relação de forças em sociedade.

No desenrolar da história, o poder vem sendo pensado, filosofado e adquirido como modo de garantir a ordem e assegurar que as camadas sociais mais fortes continuem a garantir sua postura social, sobretudo com o advento do capitalismo e os meios de produção em massa. O poder além de pensado é aplicado por meio de um discurso enganoso, no qual se garante uma civilização e adequação do homem ao sistema vigente.

Porque, afinal, se a questão do poder se coloca não é absolutamente porque a tenhamos colocado. Ela se colocou, ela nos foi posta. Ela nos foi posta, é claro, por nossa atualidade, mas também por nosso passado, um passado tão recente que mal parece terminado (FOUCAULT, 2006, p.38).

O poder religioso, pastoral e



catequético manteve durante séculos o vigor e o controle social. Sobretudo na Idade Média, o poder pastoral cristão difundiu um itinerário de normas e morais, com um único objetivo de zelar pela salvação do seu rebanho, no qual diferente de outras civilizações, se demonstrava uma relação intrínseca entre pastor (padre) e rebanho, atingindo a consciência individual em suas verdades confessadas e penitenciadas. A salvação era bem quista com a mortificação e adestramento do corpo, assim como o zelo para com a Igreja e os costumes aplicados por ela.

Foucault inaugura o termo “biopoder” ou “biopolítica” para designar o controle que a sociedade obtém sobre os indivíduos. No pensamento do filósofo, o biopoder surge no século XVIII, quando então desperta o interesse da política pelo corpo. Ora, o biopoder não é um modo de expressar o controle da sociedade de forma ideológica sobre os indivíduos, mas sim, estabelecer um interesse corporal que se adéque às normas sociais estabelecidas.

Perante isso, várias maneiras padronizadas de posturas e adequações corporais foram sendo impostas e adquiridas perante o tempo, sobressaltando o espírito de vigilância e manipulação sobre os indivíduos dentro de padrões estéticos, de belezas e analogias de um discurso de produção e pudor.

[...] vocês têm todo um adestramento da classe operária, ou melhor, do que não era ainda a classe operária, mas trabalhadores capazes de trabalhar nas grandes oficinas, ou simplesmente nas pequenas oficinas familiares ou artesanais, eles foram habituados a morar em tal ou tal habitação, a gerir sua família. Vocês veem uma produção de indivíduos, uma produção das capacidades dos indivíduos, da produtividade dos indivíduos; tudo isso foi conseguido através de mecanismos de poder nos quais existiam as interdições. Mas apenas existiam a título de instrumentos [...] (FOUCAULT, 2006,

p75).

De modo geral, se adestra o indivíduo devido aos meios de produção em que o significado essencial do homem está ligado ao que ele produz ao seu rendimento e capacidades de fazer gerar lucro e capital em favor da nova sociedade burguesa em ascensão.

A biopolítica expressa de maneira geral, que quem está dentro das normas estabelecidas, tem o direito de viver livremente, caso contrário, está destinado a ser confinado, afastado do convívio social ou morrer.

A medicina e a psiquiatria segundo a ótica foucaultiana tornaram-se veículos de manipulação corporal e mental. É preciso diagnosticar, prevenir e analisar qualquer sintoma que não se adéque aos padrões estabelecidos e assim, confinar, tratar, acompanhar, vigiar e banir do convívio social todos aqueles que assim demonstram “riscos” ao desenvolvimento social e civilizado.

Estabelecido o biopoder e sua função de manipular e adequar as condições corporais e vitais de cada indivíduo, foi-se preciso estabelecer modos de vigilância em sociedade.

Se outrora a vigilância se dava por meio da pastoral cristã, agora sistemas bem arquitetados, garantem que não apenas pela fé, mas também pela postura política se desempenhem modos de vigiar e adequar punições à todos aqueles que não se adéquem ao sistema.

Foucault, ao analisar os sistemas prisionais e todo o aparato histórico de vigilância e punição assim descreve que:

[...] sobre a prisão e os sistemas de vigilância e de punição nas sociedades ocidentais nos séculos XVIII e XIX, sobretudo no final do século XVIII. Creio que vemos se desenvolver, nas sociedades ocidentais - aliás, ao mesmo tempo em que o capitalismo -, toda uma série de procedimentos, toda uma série de técnicas para vigiar, controlar, se



encarregar do comportamento dos indivíduos, dos seus atos, de sua maneira de fazer, de sua localização, de sua residência, de suas aptidões, mas esses mecanismos não tinham como função essencial proibir. [...], mas o objetivo essencial dessas formas de poder - o que constituía sua eficácia e solidez - era permitir, obrigar os indivíduos a aumentar sua eficácia, suas forças, suas aptidões, em suma, tudo aquilo que possibilitasse utilizá-los no aparelho de produção da sociedade [...] (FOUCAULT, 2006, p. 74-75)

As vigilâncias constantes dos veículos de poder se deram de formas diversificadas, a controlar e interferir na vida dos indivíduos. Foi-se necessário estabelecer lugares, construir hospícios, prisões, escolas, alojamentos com pontos estratégicos por onde se debruçam olhares atentos e inquisidores, que detém sobre si os princípios do poder e assim desempenham seus papéis controladores.

Vigia-se o corpo, manipula-se a mente, freiam a sexualidade, cogitam a loucura, e especificam os prazeres “necessários”, eis que dessa forma o aparelho de produção que surge na sociedade visa não apenas o poder, mas a constante garantia dos que assim se encontram aptos para produzir e conviver em sociedade.

A Postura do Homem Viril

Se historicamente o homem criou veículos de manipulação e garantia do poder, não obstante também se formularam durante o decorrer do tempo a postura viril em que o homem desde a sua formação devia e deve assumir em sociedade.

É a postura Viril que torna o homem poderoso e corajoso, demonstrando sua força e virtude perante os outros. É a virilidade que impõe sobre os indivíduos formas e maneiras de assumir e garantir sua presença e “status” social.

O tempo é memorável, e seu desenvolver mostra claramente o quanto as

modificações foram impostas em nome da moral, da religião, das relações sociais e dos discursos do poder.

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais-exortações morais e religiosas, medidas fiscais-, tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada [...] Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram. (FOUCAULT, 2014, p.29-30).

Estando o homem em constante vigilância, é ele o responsável de garantir a formação de sua família, a procriação e as medidas necessárias para garantir o respeito para si, sua família e o vigor com que interage em sociedade com os demais homens. A tradição judaico-cristã e, sobretudo a pastoral cristã contribuiu em peso, para que o agora considerado homem cristão, seja sobretudo a figura do pai responsável, que produz o sustento da família, procria, e exerce o poder sobre sua família.

A formação viril toma forma desde a Grécia Antiga, formação esta, em que até hoje é vista como abominável, seja pela moral judaico-cristã, seja pela nova formação social no qual fomos inseridos.

[...] Nem a atração física nem os sentimentos parecem fazer parte da escolha de um amante, e insiste-se, ao contrário, na necessidade de encontrar um amante de um estrato social equivalente, e que se destaca por suas qualidades morais. Assim, no momento em que o garoto, do qual se espera evidentemente que mais tarde engendre filhos legítimos e que, portanto, use de



sua virilidade para perpetuar seu corpo cívico, submete-se, como uma mulher, ao poder de um varão que o domine [...] (SARTRE, M. 2013, p 39).

A maneira de formar o jovem viril grego passa pela anulação de si, invertendo os papéis em vista de alcançar a postura régia após o treinamento do jovem. O postar-se como homem, o macho na virilidade romana, também passava pela formação e a conduta do jovem ativo, que demonstra sua magnitude diante da prática sexual (com mulheres e homens).

A formação antiga demonstra além da vontade e força dos desejos, modos de captar a identidade e a postura que o jovem deve tomar na sociedade. As práticas sexuais então deliberadas e expostas como parte da formação, se retraem na formação do jovem cristão com o decorrer da história. A postura cristã do homem viril se impõe na Idade Média como a virtude da coragem, do homem que renuncia à carne e refreia seus desejos pela ideia do pecado e da morte eterna, mas que possui em si a virtude do heroísmo, da espada e dos sentimentos de guerra. Eis que os prazeres agora apenas são difundidos para a perpetuação do sangue do nobre guerreiro em vista da honra da imagem do cavaleiro herói das batalhas e posto para defender os ideais da cristandade.

Eis que a Revolução cai sobre os ombros dos homens, e a virilidade se posta a serviço da produção, é a imagem da capacidade de gerar, de gerar bens e serviço às classes dominadoras. O poder exercido a partir do século XVIII favorecendo a classe burguesa em ascensão, não deixou por assim postular a forma do homem detentor do corpo ágil, ativo e forte que garante o crescimento dos rendimentos a partir da força do trabalho.

O que dinamiza a virilidade até os tempos atuais são os meios tradicionais do capitalismo e as perpétuas alienações morais camufladas e inseridas em sociedade que garantem a preservação da postura viril

do homem, como aquele que serve como marca registrada da manipulação do poder e as formas de redução e subjugação de sua natureza com a retração dos apetites sexuais em vista da produção.

A Sexualidade Opressora

Diante da proposta da virilidade que impõe os métodos que abusam, a vigilância social que reserva e condena, e o poder que manipula, a sexualidade se postula como a forma eficaz de opressão ao desejo do homem. O discurso sobre o sexo de levantou desde a antiguidade clássica, como observamos na Virilidade, a sexualidade também se faz foco e objeto do saber, do discurso e da tradição.

Foi-se preciso estudar, falar e discursar sobre o sexo, sobre o “amor” e o objeto desse “amor”. O *Eros* discursivo se faz moral e leva consigo toda uma busca de controle social. É o prazer e seu uso que banaliza a figura do homem que aos cuidados de si mostra-se subjugado às metáforas do medo.

O Cristianismo e sua pastoral enraizou desde os primórdios de nossa era o discurso de salvação, onde se nega o corpo, os seus prazeres e desejos com a intenção de se imortalizar a alma e vê-la pura diante dos “apetites carnis” e a ideia obscura de pecado.

[...] em primeiro lugar, o cristianismo teria imposto às sociedades antigas a regra da monogamia: em segundo, o cristianismo teria atribuído como função, não somente privilegiada ou principal, mas como função exclusiva, como única função da sexualidade, a reprodução-somente fazer amor coma finalidade de ter filhos. Finalmente, em terceiro lugar [...] há uma desqualificação geral do prazer sexual. [...] (FOUCAULT, 2006, p. 63-64).

E mais do que nunca, o discurso sobre o sexo se fez presente e ainda se faz nos púlpitos e presbitérios, na catequese e nos confessionários. É preciso confessar (com



clareza e pudor) tudo aquilo que por “[...] pensamentos, atos e palavras [...]” (Ato de contrição) se fez, se idealizou e desejou. É o discurso da pureza e da salvação que o Cristianismo manteve a “ordem” sexual dos indivíduos e padronizou os modos de vida e família em sociedade.

Como se não bastasse, os ideais protagonizados subsequentemente na História não deixaram a calhar o discurso repressivo sobre o sexo. São os novos ideais burgueses e seus veículos de ascensão ao poder que agora ditam as regras. Se o Biopoder manifesto, sobretudo no século XVIII, se tem como objeto de foco o corpo, é sobre ele que então se padronizam os modos de vida e os possíveis prazeres da organização familiar ainda mais restritos diante da sociedade que vigia e pune os que estão assim fora dos padrões.

[...] A sociedade que se desenvolve no século XVIII- chama-se burguesa, capitalista ou industrial- não reagiu ao sexo como uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não somente falou muito e forçou todo mundo a falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada. Como se suspeitasse nele um segredo capital. Como se tivesse necessidade dessa produção de verdade. Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer, mas também num regime ordenado de saber. [...] (FOUCAULT, 2014, p.78).

Fora dos padrões estes que pela moral Cristã e o julgo burguês, não obtiveram espaço dentro da sociedade, sendo camuflados, negados e escondidos perante si mesmos. Eis que a prática da sodomia, do sexo e do prazer entre iguais, da então denominada homossexualidade é vista como abominação, escândalo, doença e perversão. Era então uma espécie a ser banida da sociedade.

Ao analisar a antiguidade (grega e romana), os discursos platônicos e as

práticas sexuais daquele tempo, observamos a abertura Às práticas sexuais entre rapazes, mesmo com a postulação da virilidade do homem dominador “[...] Por um lado o jovem é reconhecido como objeto de prazer- e até mesmo como o único objeto honroso e legítimo entre os parceiros masculinos do homem; jamais se reprovará alguém por amar um rapaz, desejá-lo e gozar com ele [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 270), o desejo e a prática sexual entre homens não era vista como motivo de aberração ou doença, mas o amante se dispunha ao amado na busca da realização dos desejos.

É o atentando contra a natureza, à moral e aos princípios de “Deus” e da fé cristã que ainda no século XVIII se fazia pena com a morte na fogueira que acaba por rejeitar toda prática sexual que não leve à proliferação. Do mesmo modo que na recusa dos gêneros, a mulher é apenas o objeto a ser deflorado e símbolo pecaminoso para o homem correto.

Eis que a burguesia no final do século XVIII fez-se camuflar e silenciar a homossexualidade de modo: “[...] a não penalização da homossexualidade em troca da discrição dos homossexuais, quer dizer, da sua invisibilidade, do seu não aparecimento na esfera pública. [...]” (REVENIN, 2013, p. 464). Eis que a luta pela garantia dos direitos diante da forte opressão sobre a orientação sexual se desdobrou e continua até hoje.

Considerações Finais

Tendo então analisado todo o desenvolvimento de uma ética voltada à liberdade, assim como todo o aparato social que refreia e oprime os desejos do homem, vale-nos ainda indagar: Se o homem é livre, por que não pode expressar livremente sua sexualidade?

Ora, as indagações metafísicas de Espinosa traduz o homem como desejo e vontade, tais estas que agem segundo a sua própria natureza, ou seja, a própria natureza da substância infinita (Deus), sendo assim,



a manifestação dos desejos do homem está de acordo com sua própria liberdade e essência, se a substância infinita é livre e age de acordo com sua necessidade, o homem como modificação dos atributos infinitos da mesma substância tende a agir e ser livre pela necessidade da mesma.

É a vontade livre que garante ao homem a força de se manter na existência perante o aumento do *Conatus*.

Se outrora o meio social, o advento do biopoder e as manipulações do jogo de forças na história vêm em contrapartida aos desejos e a sexualidade livre do homem, são estas a estipular o medo e a servidão restando o crescimento do *Conatus*. O que para Espinosa traduz a negação da própria essência do homem.

A servidão garante a manipulação das massas, é o poder de uma classe feito discurso para garantir a “ordem”, a produção, a moral e a religião. É a figura do servo humilde, que trabalha para seu sustento, de sua família e da classe dominante. Tal aspecto junto ao medo da vigilância e da punição que anularam toda e qualquer pedagogia de “igualdade, fraternidade e liberdade” tão aclamado pela Revolução Francesa. Revolução esta que não garantiu a liberdade dos indivíduos e seus desejos, mas antes criou novos modos para que a burguesia estabelecesse seus padrões.

É a servidão do corpo que passa a vigorar, é o medo dos prazeres e de suas práticas que devem ser extintas e a virilidade é foco da produção e do capital. A sodomia é abominável, não garante a procriação e ao ver social promove a promiscuidade e o atentado contra a natureza.

Sendo assim, pela observação dos aspectos mencionados, concluímos que através da sexualidade, o homem está longe de ser livre, e o uso de seus desejos e prazeres o servem como modos de servidão e medo, seja pela doutrinação da fé persistente até hoje, seja pelo contexto social veículo do poder ao qual estamos

inseridos.

Logo a essência do homem necessariamente livre se vê ameaçada diante da diminuição do *Conatus* presente na opressão dos desejos e da vontade humana. O sujeito é livre pela sua essência, mas oprimido por sua sexualidade manipuladora e imposta.

Referências

CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. **História da Virilidade 1: A invenção da virilidade da Antiguidade às luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. **História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade, O século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Ética, sexualidade, política/ Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.